

A BELEZA DO URUBU

*Hirma Nobrega Praxedes**

*Prof. Dr. Jan Gerard Joseph ter Reegen***

Resumo

Este ensaio aborda a feiura em seu processo de redenção, passando pelas concepções filosóficas de beleza em Platão, Aristóteles e Santo Agostinho, mas encontrando seu ancoradouro em Kant.

Palavras-chave

Beleza. Feiura. Platão. Aristóteles. Santo Agostinho. Kant. Redenção.

Abstract

This essay writes about ugliness in its redemption process, passing by the philosophical conception of beauty in Plato, Aristotle and St. Augustine, but finding its anchorage in Kant.

Keywords

Beauty. Ugliness. Plato. Aristotle. Saint Augustine. Kant.

1 Introdução

A redenção da beleza ou “a beleza do urubu” é uma breve reflexão baseada nas concepções do belo em Platão, Aristóteles, Santo Agostinho e Kant. A proposta é penetrar o mundo suprassensível de Platão extraindo daí um belo puro possível ao feio, como também encontrar alguns ancoradouros em Aristóteles e Santo Agostinho, para finalmente descobrir na subjetividade do sujeito - onde habita o belo de Kant - a sustentação para a beleza do urubu.

Seria possível alguém achar belo o que, à primeira vista, parece feio?

O que é beleza? É um atributo do objeto ou é uma categoria, ou percepção do sujeito, no sentido kantiano?

Podemos fazer uma comparação com a teoria dos valores como defendida por J. Hessen?

Em meio a estas reflexões suscitaremos algumas possibilidades de chegar do belo ao feio sob a óptica da Estética e o encontro com o sublime. É um convite a outra perspectiva.

2 A redenção da feiura

É possível ver beleza na feiura?
Ou seria o urubu um animal belo?

À primeira vista d'olhos nos parece improvável que um animal asqueroso, nojento, desprovido de elementos estéticos de beleza, possa ser considerado belo. É o feio que salta aos olhos e daí (im)pressiona a nossa avaliação.

Comporta, porém, a esta pergunta formular outra resposta: *depende...*

Essa relatividade assenta-se na possibilidade de redenção da feiura sob as mais diversas leituras.

Para Platão o belo está intimamente ligado ao bom. O ideal grego de perfeição (*Kollokagathia*), é a comunhão do belo com o bom. O mundo das ideias, das formas, somente comporta o belo, enquanto perfeito. A única beleza verdadeira para Platão é aquela que subsiste por si no mundo suprassensível e é, portanto, beleza superior, absoluta, divina, única beleza verdadeira e da qual o mundo sensível está cheio por meio de seus reflexos e participações. É no plano físico, no mundo sensível, que as possibilidades ao feio se tornam possíveis. “O feio, portanto, existiria exclusivamente na ordem do sensível como aspecto da imperfeição do universo físico em relação ao mundo ideal”. (ECO, 2007, p.24). Na *República*, Platão afirma existir um grau de beleza próprio a todas as coisas na medida em que se adequam à ideia a que correspondem. Assim, há um possível grau de beleza em algo que nos parece feio, que possui sua representação ideal no mundo das formas, ligando-o ao belo, ao bom e ao verdadeiro.

Outro olhar que traz fragmentos de redenção da feiura é o de Aristóteles em sua *Poética* (1448b) ao afirmar que [...] “qualquer forma de feiura pode ser redimida por uma representação artística e fiel”. É o talento do artista possibilitando representar o repelente com tanta maestria que ressalta nele o belo. Aqui o feio, no entanto, ainda está a serviço do belo para ressaltar a sua beleza.

Do ponto de vista teológico-metafísico expresso por Santo Agostinho, toda criação divina é bela, não comportando portanto a feiura. Na concepção agostiniana, a feiura constitui elemento que contribui para a

ordem e a harmonia. O todo é belo. Tomando a arte como exemplo da harmonia destes elementos, podemos observar, com Scruton, que

[...] os primeiros pintores de paisagens nos revelam a morte e a decadência no coração mesmo das coisas: a luz que incide sobre suas colinas é uma luz moribunda, as paredes de suas casas têm remendos e se esfurelam... no entanto, essas imagens também apontam tanto para a alegria que jaz incipiente na decadência como para a eternidade que se encontra implícito no transitório. (2013, p.186).

É no livro *Beleza* que, nas palavras de Zola e Berg, se arremata a transfiguração da feiura, quando estes

[...] recordam que a verdadeira beleza pode ser encontrada até mesmo naquilo que é rude, doloroso e decadente. Nossa capacidade de dizer a verdade de nossa condição em palavras medidas e melodias tocantes possibilita uma espécie de redenção (SCRUTON, 2013, p.177).

Surge aqui o sujeito como observador atento daquilo que lhe toca, do que vem de dentro, não somente do objeto contemplado de fora. É um olho interno que vê.

Esta abordagem – e Aristóteles – nos permite ingressar no universo Kantiano, que -diferentemente de Platão -, onde a beleza é propriedade do objeto e, portanto, é absoluta porque existe independente de nós, fora de nós, no mundo suprasensível ou no super urânio.

Em Kant a beleza do objeto se desloca para o sujeito, o que de alguma forma explica a estranha sensação de deparar-se com o belo em meio ao que parece ser feio.

Também é curioso como a bondade, quando encontrada no feio, pode transcender a feiura e conectá-la ao bom e, conseqüentemente, ao belo, o que estranhamente nos remete a Platão. Há uma dimensão espiritual que transfigura a feiura quando imbuída de um espírito virtuoso. Abre-se, então, um espaço para o feio tornar-se belo no encontro com a sua dimensão de bondade.

Ao deslocar a beleza do objeto para o sujeito, Kant aponta para soberania do sujeito que contempla.

Para discernir se uma coisa é bela ou não, nós não relacionamos a representação a seu objeto, mediante o entendimento, para conhecer, mas ao sujeito e ao sentimento de prazer ou desprazer que ele experimenta, mediante a imaginação, aliada, talvez ao entendimento. O juízo de gosto não é, pois, um juízo de conhecimento; portanto, ele não é lógico, mas sim

estético, entendendo-se por isto aquilo cujo fundamento determinante só pode ser subjetivo (SUASSUNA, 2009, p.31).

Com Kant adentramos o campo da Estética que não se esgota com o belo e nos aponta para a subjetividade, abrindo horizontes para novas respostas ao estranhamento da possibilidade de haver beleza na feiura. Para Kant, a beleza apresentava duas espécies de juízo estético – o belo e o sublime. O belo como uma “sensação desinteressada, serena e pura” e o sublime como um “sentimento estético misturado de sensações agradáveis e de terror”. (SUASSUNA, 2009, p.173).

A ideia de desarmonia ou desconveniência é, portanto, fundamental para se entender a natureza do sublime: nele é como se o espírito experimentasse um estranho agrado ao captar o terrível, o indeterminado, aquilo que se baseia no conflito entre a natureza e a razão. (SUASSUNA, 2009, p.176).

Tomando-se a arte como exemplo, a beleza dentro da estética pós-kantiana inclui o amargor e a aspereza da fase negra de Goya¹, as *gárgulas góticas*², o trágico e o cômico, como também o belo³, considerando-se que a estética não investiga apenas o belo no sentido usual, mas tudo o que influi esteticamente em nós, o que nos leva a crer que o belo e o sublime só podem ser encontrados no espírito de quem contempla.

Nesta concepção de que a beleza não é uma propriedade do objeto, mas uma elaboração do espírito contemplador, governado pelo sentimento de prazer ou desprazer, coexistem juízos de gosto em que algo que pode parecer feio para alguns é considerado belo para outros. É a constatação de que a fruição da beleza e do sublime é uma elaboração particular do espírito de cada um.

3 Conclusão

Para nos contentarmos como pessoas, escreve Scruton, temos uma necessidade de beleza da qual não podemos prescindir. É esta experiência da beleza que nos revela o quanto estamos à vontade no mundo e que este mundo é ordenado por nossas percepções, portanto intimamente ligado à

¹ Que se descobre nos assassinatos de 3 de maio de 1808, tão magistralmente reproduzidos.

² As **gárgulas**, na Arquitetura, são desaguadouros, ou seja, são a parte saliente das calhas de telhados que se destina a escoar águas pluviais a certa distância da parede e que, especialmente na Idade Média, eram ornadas com figuras monstruosas, humanas ou animais, comumente partes na arquitetura gótica.

³ Um exemplo são os filmes de Charles Chaplin, C. O.

nossa subjetividade. É neste aspecto que se assenta a beleza kantiana como “[...]obra pura e exclusiva do espírito do sujeito que a fabrica interiormente, diante do objeto estético”. (SUASSUNA, 2009, p.31).

Para Kant, o homem é um sujeito espiritual e age de acordo com a sua natureza espiritual.

Pensa segundo as leis e categorias do entendimento. Age moralmente segundo a lei do dever. Goza da beleza segundo as leis do gosto. A verdade, o bem, a beleza, não se encontram portanto, nas coisas, abstração feita do espírito, mas decorrem de uma atividade espontânea, que é a lei fundamental de toda ação ordenada. Em outros termos, resultam da aplicação da forma pura do sujeito às impressões sensíveis (SUASSUNA, 2009, p.31).

De volta à pergunta original desta reflexão – seria possível ver beleza em algo feio? – a resposta mais adequada seria, depende do sujeito mergulhado em sua subjetividade, onde habitam o belo, o feio, o sublime, o seu juízo de gosto e tudo o mais de que o espírito humano seja capaz de conceber como um homem do seu tempo.

Referências Bibliográficas

ECO, Humberto. **História da feiura**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MARTÍ, Silas. Abjeto. **Amarello**, Edição da **Beleza**, Ano IV, número 14, p.45.

SCRUTON, Roger. **Beleza**. São Paulo: É Reallizações, 2013.

SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à estética**. 10ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

**Hirma Nobrega Praxedes*

Graduanda em Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza – FCF

*** Prof. Dr. Jan Gerard Joseph ter Reegen*

Professor emérito da Universidade Estadual do Ceará - UECE.

Professor titular do curso de Filosofia da Faculdade Católica de Fortaleza - FCF.

Doutor em Filosofia Medieval pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Docente livre em Filosofia Antiga pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Contato: jan.gjtr@gmail.com